

**SOCIEDADE DE CORTE NA FRANÇA DO SÉCULO XVI: UMA LEITURA DO ROMANCE A RAINHA MARGOT (1845), DE ALEXANDRE DUMAS**

Flávia Drielly Souza<sup>1</sup>  
Joachin Azevedo Neto<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura e, por sua vez, o romance Histórico se tornam bastante utilizados como fontes históricas, trazendo grandes benefícios para a compreensão dos eventos históricos. O objetivo desta pesquisa é compreender as relações entre História e ficção, elaborando uma ponte entre a historiografia que trata do movimento religioso reformista, ocorrido no século XVI e o romance *A Rainha Margot (1845)*, de Alexandre Dumas. Esperamos, em primeiro lugar, contribuir para os estudos acerca da utilização do romance histórico enquanto fonte para melhor entender as relações das guerras religiosas, e a formação da modernidade; e em segundo, proporcionar uma interpretação das estruturas políticas e culturais que influenciavam ações e pensamentos de cada personagem pertencente à Corte. Para tanto utilizamos a tradução e a adaptação da referida obra, feita por Fernando Nuno.

**Palavras-chave:** Romance Histórico, Guerras de Religião, Alexandre Dumas.

**COURT SOCIETY IN 16TH CENTURY FRANCE: A READING OF THE NOVEL QUEEN MARGOT (1845), BY ALEXANDRE DUMAS**

**ABSTRACT:** Literature and, in turn, the Historical novel become widely used as historical sources, bringing great benefits for the understanding of historical events. The objective of this research is to understand the relations between history and fiction, elaborating a bridge between the historiography that deals with the reformist religious movement that occurred in the 16th century and the novel *The Queen Margot (1845)*, by Alexandre Dumas. We hope, firstly, to contribute to the studies about the use of the historical novel as a source to

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina /PE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5846629089316490>. E-mail: [flavia.drielly@upe.br](mailto:flavia.drielly@upe.br).

<sup>2</sup> Professor Dr. Adjunto de Historiografia e História Contemporânea Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina/PE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6732988770505229>. E-mail: [joachin.azevedo@upe.br](mailto:joachin.azevedo@upe.br).

better understand the relations of the religious wars, and the formation of modernity; and secondly, to provide an interpretation of the political and cultural structures that influenced actions and thoughts of each character belonging to the Court. To this end, we use Fernando Nuno's translation and adaptation of this work.

**Keywords:** Historical Novel, Wars of Religion, Alexandre Dumas.

### **Introdução**

A literatura e, conseqüentemente, o Romance Histórico se tornaram bastante utilizadas como fontes históricas, rendendo vários estudos acadêmicos e trazendo grandes benefícios para a compreensão dos eventos históricos. Tal tendência de pesquisa foi possível graças aos debates historiográficos do século XIX e à contribuição da Escola dos Annales, no século XX, que colaborou para o alargamento da noção de fonte ao determinar que a busca do historiador fosse guiada por tudo que envolvesse a condição humana.

Marc Bloch, em *Apologia da história ou o ofício do historiador* (2001), demonstra que, ao mesmo tempo em que se amplia o campo do historiador, amplia-se, necessariamente, a tipologia da sua fonte. É para o historiador impossível constatar o fato que ele estuda, visto que, não se pode viver o passado, assim, ele se utiliza de fontes. A história é constituída por testemunhos e vestígios, sejam monumentos, sejam escritos ou não, que são complementados por outros, assim, tudo o que o homem fabrica pode ser interrogado por ele.

Dentro desta perspectiva, a fonte literária pode ser um excelente meio de contribuir e proporcionar uma reflexão também sobre o fazer historiográfico, auxiliando na compreensão acerca da mentalidade de uma época. Por meio de um romance histórico, por exemplo, é possível ter acesso às representações a respeito da vida social, política e religiosa de uma sociedade em um determinado período histórico.

O objeto da História é o passado, já o romance histórico, por sua vez, conforme aponta Miranda (2000), utiliza-se da imaginação humana para trazer ao presente o que poderia ter acontecido. Desse modo, estas duas manifestações fazem parte do espírito humano, uma vez que história e romance se compõem de uma narrativa. Nas semelhanças e distinções entre o romancista e o historiador, a História, enquanto ciência, nos ajuda a entender a atuação humana ao longo do tempo, e a arte (literatura) dá uma forma livre para essa atuação. A História encontra algumas limitações empíricas, enquanto o romance é liberdade criativa. No entanto, ambas protagonizam uma forma de comunicação capaz de interpretar e compreender a condição humana.

Toda essa liberdade criativa e empírica foi possível também graças às transformações na forma como o ser humano lidou com a construção desse saber, no que diz respeito à constituição da leitura e da escrita. Segundo Chartier (2009), essa transformação foi uma das principais características da Modernidade, assim como o desenvolvimento e o fortalecimento do poder do Estado devido à resignificação das práticas públicas e privadas que acabaram por se enraizar na mentalidade da sociedade; e a reformulação do pensamento religioso. O processo do saber ler e escrever distinguiu a modernidade quanto aos valores medievais anteriores relativos à palavra; a alfabetização e a leitura modificaram a relação existente entre indivíduo, política e religião e, dando também liberdade à reflexão sobre a vida.

As práticas da leitura e da escrita no âmbito privado começaram a surgir entre os séculos XVI e XVIII. A conquista da leitura solitária possibilitou novas devoções que modificaram radicalmente as relações do homem com a sociedade, além de, tecer novos olhares à vida religiosa. A maneira usual de ler transformou o trabalho intelectual, até então interdito por uma minoria eclesiástica e erudita. Os hábitos da leitura silenciosa, familiar ou em público (sejam as escrituras ou um livro) proporcionaram ao indivíduo múltiplas interpretações acerca de si mesmo e do outro. O contato com o livro levou o

indivíduo a novos costumes: a leitura de romances, por exemplo, tornou-se significado de uma leitura íntima (considerada feminina), na qual se nutrem sentimentos, deleites de prazer e descanso.

Dentro desta perspectiva, é relevante destacar que foi justamente na transição do século XVIII para o século XIX, que surgiu o romance histórico, um gênero que realiza uma reformulação na arte literária a partir das transformações sociais do período com a revolução burguesa, na França. Segundo Mendes (2002), a História passa a ser o tema principal das obras literárias românticas, em decorrência de uma reorientação cultural e filosófica que, conseqüentemente, provinha de um novo perfil da classe leitora na época: a burguesia. Tais mudanças sociais trouxeram à tona um público menos acostumado à cultura clássica, com gostos particulares, em busca de emoções fortes e sem formação rebuscada. Esse novo público passa a se deleitar, principalmente, nos melodramas, no teatro e na leitura de romances.

Dentre os vários exemplos de romancistas que utilizaram fatos históricos para compor suas obras pode-se destacar o escocês Walter Scott (1771-1832), considerado um ícone do romance histórico, e Alexandre Dumas (1802-70). O primeiro conseguiu bastante sucesso e atraiu admiração pública por meio de suas obras, nas quais inseriu temáticas sociais como pano de fundo para a construção da sua narrativa, influenciando vários outros escritores; o segundo foi bastante influenciado por Scott, estabelecendo-se como um grande romancista do século XIX por meio do romance de folhetim<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Como a palavra, os folhetins se originaram na França. Inicialmente "feuilleton" servia para designar a parte inferior da primeira página dos jornais, destinada à publicação de textos de entretenimento: piadas, charadas, receitas de cozinha, críticas de peças e de livros, pequenos textos em geral [...]. A partir de 1836 o termo passou a se referir a "romances-folhetim", ou seja, romances publicados de forma fragmentada em jornais e marcados pelo corte que provocava a curiosidade do leitor pelos "próximos capítulos" uma estratégia mantida, atualmente, pelas novelas televisivas (ALVIM, 2008, p. 03).

Entre os primeiros folhetins de grande repercussão de Alexandre Dumas<sup>4</sup>, destacam-se as seguintes obras: *Le Capitaine Paul* (1838), em seguida, os clássicos *Le Comte de Monte-Cristo* (1844-1846), *Les trois Mousquetaires* (1844) e *La reine Margot* (1845), que compõe a trilogia do autor sobre a dinastia Valois. Neste último romance, Dumas faz uma leitura dos fatos ocorridos durante a matança da noite de São Bartolomeu, ocorrida na festa de casamento da Princesa Margarida de Valois (1553-1615), que era católica, com rei Henrique de Navarra<sup>5</sup> (1572-1599), o qual se considerava protestante. Esse matrimônio real foi consequência de uma trama política articulada pelos familiares de ambos para conter os conflitos entre protestantes e católicos, provenientes da Reforma Protestante, que aconteciam na França no século XVI.

O autor apresenta os personagens históricos da família Valois, utilizando-se de diálogos fictícios, além de personagens elaborados para dar fluidez à narrativa. No entanto, de acordo com sua ótica republicana, uma tendência política comum entre escritores que viveram na Europa durante o século XIX, valoriza o emocional e as subjetividades humanas, opondo-se, portanto, ao racionalismo iluminista do período anterior.

### **Alexandre Dumas e a história**

Alexandre Dumas nasceu em 24 de julho de 1802, na cidade francesa de Villers Cotterêts. Seu avô paterno, Alexandre Davy de la Pailleterie Dumas, foi um comissário de artilharia francesa que se casou com uma escrava negra, chamada Marie-Césette Dumas, da ilha de Saint Domingue, com quem teve quatro filhos, dentre eles Thomas-Alexandre Dumas-Davy de Pailleterie. Após

---

<sup>4</sup> Davy de la Pailleterie, nome de batismo, também conhecido por Alexandre Dumas pai. Em 1824, ele teve um filho que recebeu o nome de Alexandre Dumas Filho, outro famoso escritor francês.

<sup>5</sup> Pequeno reino vizinho da França e da Espanha que alentava o movimento reformista mediante a rainha Margarida de Anguleme, irmã de Francisco I, rei da França.

a morte da mãe, Thomas-Alexandre se mudou para Paris e se tornou general de Napoleão. Da sua união com Marie Louise Élisabeth Loubourt, nasceu Alexandre Dumas, o qual, aos quatro anos de idade já era órfão de pai.

Durante sua juventude, Dumas passou a maior parte do tempo debruçado em livros. Mesmo não tendo se destacado nos estudos tomou bastante gosto pela literatura e pela dramaturgia após assistir a várias peças teatrais. Influenciado por esse universo, começou a escrever peças de teatro com criatividade e inovação.

Como romancista, Dumas se destacou pela capacidade de adaptar características do teatro para os folhetins. Mendes (2002) chama as produções francesas dessa fase de romances dumasianos, encontrando nelas narrativas cheias de diálogos, composição de estilo realista, apreço pela descrição tanto de cenas do cotidiano quanto do espírito da época retratada. Dumas buscou se diferenciar de Walter Scott, também famoso por suas obras romanescas, distanciando-se dele pelo desejo de recriar as intrigas de suas narrativas com uma dramaticidade mais convincente.

De fato, Dumas procurava retratar a História de forma lúdica, dando vida aos acontecimentos históricos ao criar interações e personagens que atuam em um enredo cheio de aspectos cotidianos e da vida privada da corte francesa. Além disso, recriava uma atmosfera ficcional dos períodos sem perder de vista a verdade dos fatos. Mesmo usando anacronismos para a construção da história, por meio de sua obra, é possível obter informações imagéticas da vida de cada personagem histórico presente no enredo.

Mendes sugere, ainda, que Dumas também foi bastante influenciado por Jules Michelet<sup>6</sup> (1798-1874), historiador francês que possuía vasta

---

<sup>6</sup>[...] Michelet escreveu a monumental obra A história da França [...]. Dessa maneira, pode-se dizer, sem medo de errar, que a "história" de Michelet coincide com a História da França que o historiador empenhara-se tanto em realizar. Mas nessa grande saga, longe dos heróis ou dos bandidos, dos reis ou dos nobres, o grande figurante é a nação francesa e seu povo. O povo e o camponês franceses surgem na cena política e cultural nacional, para não perderem mais seus lugares, e a Revolução é ela própria vivida como um caso de amor. Não a revolução do terror, ou das ditaduras, consideradas desvios enganosos. Mas a Revolução

experiência na pesquisa com arquivos. Michelet tinha um jeito próprio de escrever a história, buscando recriar a vida cotidiana das pessoas de outras épocas, uma característica que se assemelha ao estilo romântico. A obra de Michelet se tornou um excelente material de pesquisa para Dumas, por possuir informações a partir das quais o romancista conseguia recriar épocas e personagens históricos. Foi por meio das obras do historiador francês que Dumas encontrou a poesia que os acontecimentos históricos podem proporcionar à alma romântica, pois Michelet, apesar de não se voltar ao romance, tinha em suas obras uma história repleta de sensibilidade e literatura.

O romance *A rainha Margot* foi publicado pela primeira vez entre 1844 e 1845, pelo jornal *La Presse*. Graças à narrativa de Dumas, a dinastia Valois ficou eternizada na história. O romance se passa no ano de 1572, um período bastante conturbado no território francês devido às chamadas guerras de religião que, à época, já se somavam em três conflitos entre católicos e protestantes. Para conter os conflitos e manter a paz entre as duas religiões, Catarina de Médicis (1519-1589), esposa do falecido rei Henrique II (1519-1559), organiza o casamento de sua filha, Margarida de Valois, com o primo Henrique de Bourbon, rei de Navarra e um dos principais líderes dos protestantes europeus.

Ainda que, o mais importante para Dumas fosse a literatura, a História o seduzia, o que levou o escritor a aperfeiçoar um estilo que estreita as relações entre as duas narrativas (a literatura e a história). O romancista, apesar de se apoiar em documentos históricos para a escrita dos seus romances, utilizava mais precisamente *mémoires*<sup>7</sup> dos seus personagens reais. No entanto, o que mais lhe interessava, não era representar o fato histórico em si, mas, recriar

---

que anunciava a igualdade e a fraternidade, e que efetivamente convulsionou o mundo ocidental. Aí está a interpretação romântica desse autor que definitivamente conferiu ao povo não só a sensibilidade, mas a generosidade e a sagacidade dos grandes agentes históricos (SCHWARCZ, p, 94. 2010).

<sup>7</sup>Biografias dos próprios personagens reais dos romances.

poeticamente cada pessoa envolvida na narrativa histórica. Ainda de acordo com Mendes, esse estilo é muito visível em *A Rainha Margot*:

No início de *La reine Margot*, a luta política entre católicos e protestantes aparece de forma impessoal, como a narração de acontecimentos históricos; aos poucos, com o desenrolar das intrigas, já não são mais protestantes e católicos que divergem: Dumas consegue lhes dar contornos, dotando-os de um nome, caráter, emoções e sentimentos, fazendo com que essas características se sobreponham à historicidade dos fatos. Nessa medida, o leitor passa a ser levado pelo fio do romance e não pela verossimilhança da História (MENDES, 2002, p. 152).

Dumas escreveu a trama trazendo à tona personagens históricos e fictícios, deu vida e flexibilidade à narrativa, colocou em cena o casamento entre Margarida e Henrique de Navarra, a noite de São Bartolomeu e o jogo político em que se encontrava a família Valois, e também descreveu as cenas com o tom romanesco de sua época.

### **Católicos X protestantes: o impacto da reforma na França**

Apesar de toda trama de *A Rainha Margot* ser tecida em volta das intrigas palacianas da dinastia Valois e, conseqüentemente, do massacre da Noite de São Bartolomeu, é possível notar, no início da narrativa, o desconforto que havia entre as duas religiões/partidos predominantes durante o século XVI, na França:

Todos estavam surpresos com aquela união, que deu muito o que pensar aos que tentavam enxergar mais longe. Não era fácil entender essa aproximação entre dois partidos que naquele momento se odiavam tanto, como o católico e o protestante. Muitos se perguntavam como seria possível aos nobres dos dois lados perdoarem uns aos outros pelos assassinatos recentemente cometidos de parte a parte (DUMAS, 2001, p.13).

Diante da citação anterior, é relevante destacar que, assim como o Renascimento, as Reformas Religiosas marcaram o início da Era Moderna.

Tanto as reformas protestantes, quanto a católica modificaram a mentalidade daquela sociedade no seu âmbito público e privado. Ambas as vertentes do cristianismo possuíam vários aspectos em comum e aspectos contraditórios, sobretudo no tocante à busca pela salvação pela prática de devoção pessoal e coletiva, como discute François Lebrun, em “As Reformas: Devoções comunitária e piedade pessoal” (2009).

Segundo o autor, a devoção privada, promovida pela igreja protestante, baseia-se na crença de que a salvação seria justificada somente pela fé, dependendo, portanto da relação direta do indivíduo com Deus, da leitura e meditação da Bíblia, o que elimina toda mediação terrena para tal, como o clero, os sacramentos e o culto aos santos assim, a salvação não seria fruto das obras, e sim da fé. Contudo, assim como os católicos, a devoção coletiva, e a participação do culto eram primordiais para o fortalecimento da vida cristã protestante. Por conseguinte, a Reforma Protestante protagonizada, primeiramente pelo monge alemão Martin Lutero, surge como uma forma de oposição contra uma Igreja Católica considerada corrompida. Esse era o cerne da crítica de Lutero e de suas 95 teses, cujo propósito era protestar contra a venda de indulgências e pregar a justificação da salvação somente pela fé.

Logo depois, as doutrinas do monge alemão se espalharam por toda a Europa, influenciando vários outros humanistas reformadores como, por exemplo, Zwínglio, na Suíça e João Calvino, na França. A França constituía um dos estados absolutistas mais consistentes da Europa. O rei Francisco I (1494-1547), que reinava no país na época inicial da Reforma Protestante, manteve uma posição religiosa bastante problemática. A igreja francesa contava com os privilégios da Concordata de Bolonha de 1516, documento que dava relativa independência ao governo francês com relação à Santa Sé, diante disso, foram feitos vários acordos entre a coroa francesa e a Igreja, garantindo que, os franceses não precisassem de uma reforma para se livrar do poderio romano. Por isso, o rei variava suas atitudes, indo de perseguições e a

apaziguamento com os protestantes, conforme seus interesses políticos diversos.

Para Almeida (2009), “quando ele (o rei) queria satisfazer sua ambição e seus interesses políticos, servia-se da causa da Reforma como meio de pressionar os papas romanos, mas, quando precisava agradar ao Papa, também perseguia os protestantes” (ALMEIDA, 2009, p. 41). Tais atitudes levaram vários adeptos da reforma a se exilarem em outros países, dentre eles, o próprio Calvino. É preciso destacar que política e religião não se separavam naquele período e, com o surgimento da Reforma Protestante, ocorreu um abalo na unidade da cristandade, sobretudo, na hegemonia política que a Igreja Católica possuía, resultando em constantes conflitos entre os séculos XVI e XVII.

Mesmo diante das inúmeras dificuldades, devido à inconstância na autoridade política de Francisco I, à instituição de vários éditos, entre 1536 a 1545, de proibição e circulação de produções e obras de cunho reformistas e à perseguição contra a “heresia”, o protestantismo cresceu em solo francês, entre burgueses e nobres, durante o século XVI, o que consolidou o partido dos huguenotes, nome dado a todos os praticantes da doutrina calvinista, na França.

Com a morte do rei Francisco I, em 1547, seu filho e sucessor Henrique II (1544-1560), manteve uma política bastante severa na tentativa de barrar o crescimento da igreja protestante na França. Segundo Banzoli (2018), para combater o avanço da “heresia”, Henrique II se aliou ao seu maior rival, Felipe II, rei da Espanha. Juntos, eles assinaram um tratado para extinguir a nova religião que avançava, ameaçando a unidade na França, e decretaram pena de morte aos reformados e os apoiadores da nova doutrina. O tratado draconiano levou muitos católicos moderados a caírem também em condenação durante o seu reinado.

Em 1559, após a morte trágica do rei Henrique II (devido às complicações causadas por um grave ferimento na parte frontal da cabeça,

desferido pelo Conde de Lorge, em meio a um combate entre nobres, promovido como forma de celebrar o advento do casamento de seu filho), o príncipe Francisco II (1544-1560), aos quinze anos, assumiu o trono por um breve período, cerca de um ano, sob a administração e influência da família Guise, que era líder do partido católico. Após sua morte, proveniente de uma enfermidade, Catarina de Médici, sua mãe e esposa viúva de Henrique II, torna-se regente em nome do filho Carlos IX (1550-1574), que, na época, tinha apenas dez anos.

O reinado de Carlos IX foi tomado por uma posição mais favorável, por motivos políticos, em relação aos huguenotes. Não estava na preferência do rei o catolicismo ou o protestantismo, apesar da sua religião confessional ser católica. O mais importante para o rei era assegurar a fidelidade dos seus súditos, pois, a unidade religiosa era primordial para a consolidação do Estado. A regente do governo buscou estratégias para tal feito:

Catarina buscou uma forma de conciliar os diferentes grupos políticos e religiosos da nação a fim de fortalecer o país contra os Habsburgos. Assim, ela toma algumas medidas inusitadas que favorecem o florescimento da Reforma na França, entre elas a publicação do Édito de Julho (1561), que substituiu a pena de morte pelo desterro aos que cometessem o "crime de heresia". O protestantismo continuava sendo visto como uma praga a ser extirpada, mas a ideia agora era evitar o derramamento de sangue, que se demonstrava cada vez menos eficaz (BRANZOLI, 2018, p.176).

A tentativa de manter a paz e a coexistência entre as duas religiões, promovida pelo rei Carlos IX e por sua mãe Catarina de Médici, por meio de vários editos outorgados entre 1561 a 1598, concedendo certa liberdade de culto aos protestantes durante o período entre 1559 a 1598, não impediu a proliferação de vários conflitos envolvendo católicos e protestantes na França. Tais conflitos foram marcados não só pela divergência eclesiástica, mas também, pela situação interna provinda da instituição do Estado Central e pela disputa entre os partidos, assim como por situações externas, no que diz respeito aos interesses geopolíticos.

Perry Anderson, em *Linhagens do Estado Absolutista* (1984), comenta:

Do princípio ao fim, as guerras religiosas foram conduzidas pelas três grandes linhagens rivais de Guise, Montmorency e Bourbon, cada uma com um controle de um território senhorial, vasta clientela, influência dentro do aparelho do Estado, topas leais e conexões internacionais. [...] A disputa interfeudal entre essas casas da nobreza foi intensificada pelo agravamento da situação dos fidalgos rurais empobrecidos em toda a França, os quais estavam antes acostumados à incursões de pilhagem na Itália e agora eram atingidos pela inflação de preços; esse estrato social proporcionava a quadros militares prontos para prolongadas operações na guerra civil, totalmente desvinculada das filiações religiosas que a dividiam (ANDERSON, 2004, p. 90-91).

Em 1562, um ano após a tentativa frustrada feita por Catarina de Médici de propor uma trégua entre as divergências religiosas, a regente decreta o Édito de São Germano, que concedia aos huguenotes certa tolerância, como a liberdade de culto, embora proibisse a construção de templos, concedendo aos fiéis apenas reuniões em sínodos nos arredores das cidades. Nem mesmo a assinatura do Édito impediu que, em março do mesmo ano na cidade de Vassy, centenas de protestantes fossem atacados e feridos, e outros 70 fossem mortos sob o comando do duque Francisco de Guise, sob a alegação que os protestantes faziam uma cerimônia que descumpria a promulgação do Édito determinado pela Coroa.

O massacre de Vassy se caracterizou como a primeira guerra de religião na França. Ataques foram cometidos dos dois lados, e a investida do duque foi bastante receptiva pelos franceses que eram contra a nova religião. Por isso, não demorou muito para que outros ataques viessem a acontecer por todo o reino, dando início, na França a guerras guiadas pela luta política e intolerância religiosa.

Esses conflitos entre Católicos e Reformados culminaram ao todo, em oito “guerras de religião”, ocorrendo, de tempos em tempos, algumas tréguas. Na noite de 24 de agosto de 1572, noite do santo católico Bartolomeu, ocorreu uma das mais sangrentas guerras de religião, na cidade de Paris, resultando

na morte de milhares de protestantes que estavam na cidade em comemoração ao casamento de Margarida de Valois com Henrique de Navarra.

Com a morte do último rei da dinastia Valois, Henrique de Bourbon, o único sucessor legítimo ao trono do país, tornou-se o rei intitulado Henrique IV. Para conseguir subir ao trono, ele trocou de religião várias vezes, mas apesar de suas instabilidades religiosas, ele se revelou um dos mais memoráveis reis da França.

Mediante o evento da fatídica noite de São Bartolomeu, Alexandre Dumas discorre sua narrativa, entrelaçando fatos reais a recortes fictícios, como veremos no próximo tópico.

### **Corte francesa, política e religião no romance *A Rainha Margot***

Margarida de Valois, também chamada de *Margot*, por seu irmão rei Carlos IX, tinha dezessete anos quando se casou, em 18 de agosto de 1572, com seu primo Henrique de Bourbon, rei de Navarra<sup>8</sup>, um jovem rapaz, apontado como um dos principais líderes dos huguenotes. Casamentos arranjados como instrumento político eram comuns naquele período. É a partir dessa união que o ponto crucial do romance de Alexandre Dumas é desenvolvido.

Margot era a sétima filha de Henrique II com Catarina de Médici. Ela era uma jovem bonita, culta, elegante e poliglota, que, no entanto, não

---

<sup>8</sup> Henrique de Navarra era filho de Jeanne d'Albert, (filha de Margarida d'Angoulême Orleans e Valois, irmã do rei Francisco I) e de Henrique d'Albert. Jeanne era protestante e herdara o reino de Navarra do seu pai, onde ela passa a exercer muita influência como líder dos protestantes após a morte do marido na primeira guerra de religião francesa. Jeanne d'Albert era uma mulher talentosa e herdara os mesmos gostos da mãe, que amava a erudição e o evangelho e da mesma forma criou o jovem Henrique de Bourbon. Joana morre em 1572 meses antes do casamento do filho com a princesa Margarida de Valois (ALMEIDA, 2009). A morte da rainha de Navarra é descrita na narrativa de Dumas como um suposto envenenamento a mando de Catarina de Médici.

deixou uma boa impressão na história devido aos vários escândalos amorosos nos quais se envolveu durante a sua vida, tornando-se, por muito tempo, conhecida como uma rainha adúltera, promíscua e incestuosa. O oposto desse modelo de rainha foi sua mãe, por ter conseguido suportar as traições sofridas pelo marido Henrique II.

Dumas endossa bem as características genuínas de Margot:

Margarida tinha só dezessete anos. Todos os poetas faziam versos para ela, comparando-a com as figuras mitológicas. Era a beleza sem igual da Corte, onde a mãe, Catarina de Médicis, reunira as mais belas mulheres que conseguira encontrar para lhe servir de dama de honra. De cabelos negros, pele brilhante, olhos grandes e cílios longos, lábios vermelhos e finos, pescoço elegante, o corpo esbelto e envolto pelo cetim, pés pequenos: os estrangeiros que passavam pela França e tinham a oportunidade de vê-la saíam proclamando sua beleza- e a surpresa diante de sua cultura, quando tinha o privilégio de conversar com ela. Margarida era não apenas a mais bela, mas também a mais culta das mulheres de seu tempo. Um sábio italiano, depois de ter conversado com ela por horas, em italiano, espanhol, latim e grego disse:

-Visitar a Corte sem ter visto Margarida Valois é o mesmo que não ter ido à França (DUMAS, 2001, p.19).

Apesar de Alexandre Dumas não revisitar todas as relações e escândalos nos quais se envolveu Margot, apresenta, além do duque de Henrique Guise<sup>9</sup>, o conde Lérac La Mole, outra personagem importante para a narrativa. Trata-se de um jovem protestante que foi socorrido por Margot durante o massacre da noite de São Bartolomeu, que chegou a Paris enviado a Henrique de Navarra a pedido do senhor Téligny.

De fato, segundo as próprias memórias escrita pela rainha de Navarra, na noite do massacre, ela foi surpreendida por dois fidalgos protestantes, ensanguentados, que foram socorridos e salvos pela rainha, em seu quarto no palácio.

---

<sup>9</sup> Chefe do partido católico e filho do então falecido Francisco de Guise.

No capítulo “Os massacrados”, Dumas utiliza do relato das *mémoires* da jovem Margarida para reescrever essa cena, colocando em destaque o conde de La Mole como o protagonista salvo por ela:

La Mole [...] reuniu todas as suas forças e correu para o Louvre [...] subiu dois andares pela escadaria reconheceu uma porta e começou a bater nela [...]  
-Quem é?- perguntou uma voz de mulher  
-Eles estão chegando!...Sou eu!...-murmurou La Mole.  
-Eu quem?  
-Navarra! Navarra!- La Mole se lembrou da senha e gritou [...]  
-Senhora, estão degolando meus irmãos de fé! Também querem me matar! A Senhora é a rainha... Salve-me! (DUMAS, 2001, p. 92-93).

Posteriormente a esse evento, ambos se envolvem em um breve, mas significativo relacionamento amoroso. La Mole se torna protegido da rainha e de seu irmão mais novo, o duque Francisco de Alençon. Cobiçando o trono da França, este último, arma uma conspiração com a ajuda disfarçada de La Mole e de De Mouy (um dos chefes do partido protestante) e também, com o consentimento de Margot e Henrique, para conquistar a confiança dos huguenotes de modo a se tornar rei de Navarra e da França:

-Meu irmão Carlos mata os protestantes para reinar mais à vontade. Meu irmão Anju deixa isso acontecer porque pretende suceder ao nosso irmão no trono; todos sabem como ele está doente. Mas eu... que esperanças tenho, com dois irmãos mais velhos que eu...Eu, no entanto, meu coração é tão nobre quanto o deles. De Mouy, vou conquistar um reino nessa França que eles estão cobrindo de sangue. Quero ser rei de Navarra, não pelo nascimento, mas pela eleição de vocês, líderes do país (DUMAS, 2001, P. 211).

Os aspectos da narrativa de Dumas coincidem com os fatos históricos que descrevem essa trama conspiratória envolvendo membros da corte francesa. Conforme afirma Tapioca Neto (2016), Margot possuía um significativo poder pessoal de sedução e persuasão:

Os seus adoradores eram, geralmente, rapazes bonitos e elegantes, como o conde de La Mole, que, na iminência da morte de Carlos IX, se envolveu numa conspiração arquitetada, para desautorizar a rainha mãe e colocar no trono o duque de Alençon, filho mais novo de Catarina de Médici. O plano contava com o apoio da própria Margarida, que, desde a fatídica «Noite de S. Bartolomeu», passara a nutrir um especial rancor pela mãe. A conjura falhou e La Mole foi preso e torturado para revelar o nome dos seus cúmplices. Apesar de o conde não ter mencionado a rainha de Navarra, todos sabiam que ela estava, de alguma forma, envolvida na conspiração. O seu amante foi condenado à decapitação na praça pública. Dizem que, a caminho do patíbulo, ele confiou à multidão de espetadores uma última mensagem para a sua amada, Margarida. Porém, ela faz apenas uma breve referência na suas Memórias a La Mole e ao seu trágico fim (NETO, 2016, p.38).

No que diz respeito ao romance proibido da rainha com o conde de La Mole, na obra de Dumas adaptada por Nuno, não há destaque para cenas explícitas de um amor avassalador ou para as investidas mundanas da personagem. Contudo é possível destacar as relações apaixonadas do cotidiano, heroísmo e ambiguidade da jovem, tudo isso em um período em que as pulsões humanas eram retraídas como o processo civilizador (sobre o qual falaremos mais adiante) daquele momento exigia.

Dumas apresenta uma jovem forte e heroína, que vai de encontro às perspectivas de seu tempo, utilizando de seu talento persuasivo para conseguir atingir suas metas. O autor representa Margot com as características de uma mulher do século XVI: por um lado, ela é submissa, por outro, mostra-se fora das expectativas, participando do jogo de intenções de ascensão ao trono francês e vendo, em seu casamento, uma oportunidade para conseguir seus propósitos, confrontando os desígnios de sua família.

Dumas também retrata Margot como uma aliada política, fiel ao marido, visando sempre ao *status* de rainha. Ao se dar conta que fez parte de uma conspiração contra seu esposo e seus súditos huguenotes, a jovem se revolta contra sua mãe e seus irmãos, decidindo então, protegê-lo mesmo sem amá-lo:

Ele está perdido (marido), pensou ela, alarmada com todas aquelas figuras sinistras. Agora entendi tudo. Fui usada como isca... Foi

por meu intermédio que prepararam a armadilha para pegar os huguenotes... Tenho de encontrar de qualquer jeito nos aposentos de minha mãe, nem que me matem! (DUMAS, 2001, p. 116).

O dever de uma mulher cortesã, fosse ela rainha ou não, recaia na obrigação que tinha ela de se submeter ao marido. Margot passou a maior parte da vida em uma posição de submissão: como filha, irmã mais nova de reis e como esposa de um jovem a quem não sentia um amor romântico, apesar de ter tido uma vida bastante agitada e libertina. Ainda conforme Tapioca Neto, em seu estudo sobre mulheres absolutistas, a descoberta sobre a possível conspiração contra a vida de milhares de huguenotes à custa de seu casamento foi o pontapé para Margot dar início à sua rebeldia contra a autoridade de sua mãe, que pretendia anular seu casamento (supostamente não consumado), e, simultaneamente, criou um vínculo de simpatia e de solidariedade entre ela e seu esposo. Porém, Margarida de Valois pretendia viver da forma como bem lhe consentisse, ou seja, livre e sem se preocupar com seu papel de esposa recatada, um ato que lhe rendeu uma má fama, por muito tempo.

As investidas amorosas não cabiam apenas à rainha de Navarra: apesar de não ter simpatia por banho, Henrique era um jovem que tinha seus predicados e também teve seus momentos libertinos. No romance, Dumas endossa um episódio das saídas amorosas do jovem rei, logo no primeiro capítulo, no qual mostra Henrique caindo nas graças de Charlotte de Suave, dama de companhia de Catarina de Médici.

Pequena, loira, petulante, cheia de vivacidade nos momentos em que não se encontrava lânguida de melancolia, ela estava sempre disposta ao amor e à intriga, os dois temas que ocupavam a corte dos três últimos reis. Com o brilho de seus olhos azuis ela já dominara o rei de Navarra, que se iniciava na vida amorosa ao mesmo tempo em que na vida política. Margarida de Navarra, com sua beleza magnífica e real, não tinha encontrado afeto no coração de seu marido. O estranho, que deixava a todos surpresos, era que Catarina de Médicis, mesmo enquanto levava adiante o projeto de união entre sua filha e o rei de Navarra, não havia deixado de facilitar,

quase abertamente, os amores entre ele a senhora de Suave (DUMAS, 2001, p.21).

Margarida de Valois também era muito amada por seus irmãos, duque de Alençon, duque de Anjou e o rei Carlos IX. Algumas pesquisas apontam até mesmo para uma suposta relação incestuosa entre Carlos IX e Margot. Dumas representa em sua narrativa o carinho que o rei da França tinha por sua irmã, porém não coloca em evidência esse possível relacionamento:

-Ao dar minha irmã a Henrique de Navarra, estou dando meu coração a todos os protestantes.

Essa frase podia ter dois sentidos: por um lado parecia paternal, mas por outro fazia algumas pessoas se lembrarem das fofocas escandalosas que injuriavam a própria noiva, o noivo e o rei-irmão (DUMAS, 2001, p.19).

O rei Carlos IX era um jovem apaixonado pela caça, que gostava de erudição, arte e poesia, mas não tinha muito apreço por assuntos políticos, visto que havia sido nomeado rei aos dez anos, sob a regência da mãe. Ele começou a governar aos treze anos, quando Catarina declarou sua maioridade para conter os ânimos dos chefes dos partidos do reino, os Guise (católicos) e os Bourbon (protestantes). Afinal, um homem no poder era sinônimo de mais prestígio e respeito, dado que, graças à lei sálica, uma mulher jamais poderia comandar o governo da França.

Dumas, em sua narrativa, retrata Carlos IX como um rei que tinha um temperamento ambíguo em relação aos súditos protestantes, não fazendo muita distinção entre estes e os católicos, embora mantivesse uma maior proximidade com pessoas da religião reformada, como o referido almirante, sua ama de leite, sua amante e, por ventura, seu cunhado, Henrique de Navarra, com quem manteve uma aproximação fraterna.

Algumas pesquisas evidenciam que, durante seu reinado, Carlos IX foi bastante fraco e indeciso em suas atitudes, ora se deixando guiar por Coligny, ora obedecendo às indicações de sua mãe. É importante destacar que a

rainha Catarina de Médici, sendo uma égide forte exerceu grande influência sobre os seus filhos.

Ela teve dez filhos, dos quais sete alcançaram a vida adulta. Catarina teve a responsabilidade de reger a monarquia durante os primeiros anos do reinado de seu filho Carlos IX, após a morte de Francisco II. Embora sofresse duramente por estar em uma posição que não era sua por Lei, Catarina foi um exemplo de autoridade, esposa e mãe de reis, lutando, a todo custo, manter a unidade do reino e da dinastia Valois. Algo foi mencionado nesse sentido nas próprias memórias escritas por Margot.

Leonie Frieda, (2019), diz que a rainha mãe era uma mulher pragmática e idealista. Ainda que considerada católica, procurou abordar as divergências entre os católicos e protestantes como se pudessem ser resolvidas por meio de diálogos, agindo de forma cautelosa com os assuntos divergentes entre as facções políticas do reino. Embora fosse uma mulher bem resolvida, Catarina buscava orientação em adivinhos e no ocultismo. Por trás dessa aparência de glória e cultura, havia a difusão pública de uma mulher sanguinária e vingativa.

Essas mesmas concepções acerca de Catarina são elencadas por Dumas: sua maternidade, sua autoridade e, principalmente, suas investidas para conseguir seus objetivos em relação à unidade do reino e prevalência da dinastia. No primeiro capítulo do romance aqui analisado, "A princesa que falava Latim", o autor menciona o assassinato um tanto quanto suspeito da rainha de Navarra, Jeanne d'Albert, mãe de Henrique de Navarra:

Joana de Navarra, corajosa mãe de Henrique de Bourbon, protestante, que tinha acompanhado seu filho para os preparativos do casamento, morrera em circunstâncias mal explicadas havia apenas dois meses [...] Comenta-se em voz baixa que ela teria descoberto algum segredo terrível, e que Catarina de Médicis, a mãe da noiva, com receio de que fosse revelado, teria envenenado Joana com luvas perfumadas especialmente preparadas para ela por um empregado (Rêne) florentino especialista nesses assuntos (DUMAS, 2001, p.14).

Essa história circulou por bastante tempo na sociedade francesa, no entanto, segundo aponta Frieda, “Catarina não teria nada a ganhar matando a rainha de Navarra; seus objetivos haviam sido alcançados com a assinatura do contrato de casamento, embora sem dúvida, a morte de Joana tenha sido um duro golpe para os huguenotes” (FRIEDA, 2019, p. 96). Apesar das várias tentativas, por parte da rainha mãe da França em comandar conciliações entre os protestantes e católicos franceses, ela passou a ser lembrada como uma Rainha Negra e também como uma das mentoras do massacre de milhares de protestantes, em 24 de agosto de 1572.

Dumas, em *A Rainha Margot*, transfere para sua narrativa essa figura odiosa de Catarina, salientando sua falta de escrúpulos para manter a dinastia Valois em ascensão, ainda que isso custasse centenas de vidas humanas.

### **O massacre**

Alexandre Dumas, em *A Rainha Margot*, expõe, em um breve momento da trama, os momentos que antecederam a trágica matança da Noite de São Bartolomeu. Mesmo diante de diálogos e cenas fictícias, é possível perceber a vida na corte francesa, em um período de importantes, porém lentas mudanças sociais. No início da Era Moderna, a sociedade ocidental passava por um momento de transformação em todas as suas práticas e mentalidades. Isso porque, a formação da modernidade engendrou processos de autocontrole das pulsões individuais. É o que Norbert Elias destaca, no segundo volume de *O processo civilizador* (1993). Segundo o autor, o monopólio da violência surgiu com a consolidação do Estado e o nascimento da figura de um rei dominante, detentor do poder de acionar os mecanismos de repressão e controle social. Com a configuração de uma cultura política em que o público e privado aparecem como esferas separadas, há a necessidade do equilíbrio das ações e paixões dos indivíduos, o que deu início a um modelo cortesão de se portar diante das situações mais

variadas. Arelado a esse processo civilizador, estava em curso também o processo de individualização do indivíduo.

As novas modulações de comportamentos e pulsões na sociedade ocorreram, mediante a transição de uma classe cavalheiresca para uma classe cortesã, cujas regras de comportamento, ditadas em longos manuais logo foram transpostas para toda a sociedade. Porém, essas novas contingências não contiveram o sistema da mentalidade chamada “Guerra Justa”, que perdurou desde a Idade Média até os tempos da modernidade. Isto é, uma luta de combate à “heresia” que confrontava o monopólio da Igreja Católica, suas ideologias religiosas e política. As guerras de religião fugiram da característica do modelo de civilidade e ideologia religiosa pregada pelas duas instituições cristãs no século XVI. Católicos e protestante entraram em conflito em oito guerras no Estado francês, causando consequências em toda a Europa.

Assim, com o assassinato do almirante Gaspard Coligny, em 24 de agosto de 1572, durante as festividades de casamento do rei Henrique Bourbon e da princesa Margarida de Valois, quebra-se a relativa tranquilidade entre católicos e protestantes, ocasionando o acirramento das intrigas entre as facções religiosas. Face ao crime tramado entre a realeza, a quarta guerra de religião encontrou seu estopim, sendo considerada uma das mais fatídicas desse período.

De acordo com as pesquisas históricas aqui consultadas, a morte do almirante Coligny foi um complô arquitetado por Catarina de Médici e seu filho preferido, duque de Anjou, acobertado pela família Guise. A rainha mãe via no almirante uma ameaça, já que ele tinha total controle sobre as decisões do rei Carlos IX e orquestrava uma guerra contra a Espanha pelo território de Flandes. Uma guerra contra Felipe II era tudo o que Catarina de Médici não queria.

Conforme os apontamentos de Frieda, no estudo biográfico aqui já citado, a rainha mãe precisava deter as investidas de Coligny e, para isso,

contou com a ajuda da primeira esposa do duque Francisco de Guise (pai de Henrique de Guise), cujo ódio pelo Almirante decorria do fato dele ser considerado o principal assassino de seu marido. Uma trama quase que fictícia foi composta, tendo como assassino Maurevel, um velho serviçal da família Guise. Segundo Frieda, Catarina tiraria grande vantagem dessa ação, pois acirraria um censo de vingança nos huguenotes contra os Guise, colocando a culpa neles pelo atentado. Isso ocasionaria, igualmente, a queda da última casa<sup>10</sup>, que, desde a morte de seu marido, Henrique II, exercia constantes tentativas de controlar a monarquia.

No entanto, o atentado contra Coligny falhou: Maurevel acertou o almirante apenas no braço, deixando-o gravemente ferido e provocando grande alvoroço em todos os líderes huguenotes. Catarina tomou uma atitude enérgica para conseguir levar seu plano ao fim e decidiu contar ao tudo ao rei, convencê-lo que o Almirante e os huguenotes eram um problema para o reino e que havia um complô dos protestantes para matar os Guise e a família real. Desse modo, a rainha mãe obteve o consentimento do rei para matar os principais líderes do partido protestante. Porém, a matança foi além: todos os huguenotes que vieram à cidade para o casamento real foram brutalmente assassinados, homens, mulheres e crianças.

Alexandre Dumas traz à tona esse evento em sua narrativa, porém invertendo os papéis dos arquitetos do complô contra o Almirante. No capítulo “Rei poeta”, o autor mostra Carlos IX agindo de forma traiçoeira com o almirante seu “pai”, armando com Maurevel uma emboscada para matá-lo.

Segundo Mendes, ao representar essa narrativa o autor:

[...] favorece a discussão do arbitrário na ficção, pois historicamente, não foi Charles (Carlos IX) que ordenou aos católicos para matarem os protestantes. A ficção molda a História de acordo

---

<sup>10</sup> A corte francesa contava com as casas/famílias que compunham partidos políticos importantes naquele período: casa de Valois, casa de Guise, casa de Bourbon, casa de Montmorency, entre outros.

com as necessidades da narrativa, principalmente quando o autor é Dumas (MENDES, 2002, p. 126).

Dumas molda a História, levando o leitor a se prender na trama de conseqüências, não se importando com os fatos históricos, mas, sobretudo, com os acontecimentos que levam ao fim melodramático exigido pelo romance. Dessa forma, no capítulo "A dívida paga", é possível perceber o jogo dissimulado da rainha mãe. Dumas conduz o leitor a entender que Catarina de Médici e o conde Henrique de Guise planejam contra os huguenotes, usando como pretexto um suposto risco de vida do rei Carlos IX para autorizar a matança:

- Tudo vai de mal a pior.  
Catarina ergueu a cabeça e reconheceu o duque de Guise.  
- Como tudo vai mal? O que você quer dizer?  
- Que mais do que nunca o rei está nas mãos daqueles huguenotes malditos, e que, se esperarmos mais para realizarmos nossa grande tarefa, vamos aguardar muito tempo ainda, talvez até o dia de são nunca.  
- Por que acha isso? – Catarina sabia manter a calma em qualquer situação, e mudava de expressão com facilidade.  
- Agora mesmo perguntei pela vigésima vez a Sua Majestade quanto tempo mais íamos ter de aguentar as bravatas desse bando de renegados depois que o almirante deles foi ferido.  
- E o que o meu filho respondeu? Perguntou Catarina.  
- Ele respondeu: "Meu caro duque, o povo provavelmente suspeita que é você o mentor do assassinio do meu segundo pai, o almirante. Defenda-se como puder [...]"  
- Você fez bem em vir me contar isso. Vamos fazer uma coisa. Eu vou falar com o rei; você me segue de longe.  
No caminho, a rainha ensaiou uma expressão pálida e angustiada [...]  
- Meu filho- suspirou ela, com um tremor na voz que assustou o rei.  
- Tenho que me retirar o mais rápido possível para um dos meus castelos [...]  
- Por quê, mamãe?  
- Por que a cada dia minha religião recebe os maiores ultrajes [...]  
- Mas mamãe, tentaram assassinar o almirante deles [...] Eu tenho de manter a justiça em meu reino, mamãe!  
- Ah, fique tranquilo, meu filho- Disse Catarina, a justiça não vai faltar a essa gente, porque certamente será feita à maneira deles: hoje, a vítima vai ser Guise; amanhã vou ser eu, e quem sabe você não será a próxima...  
(DUMAS, 2001, p.68-69).

Dessa forma, após esse diálogo dissimulado, a morte do almirante Coligny é concretizada por Henrique de Guise, gerando uma verdadeira cassada a huguenotes nas ruas de Paris, na noite do santo católico Bartolomeu, durante as bodas de casamento de Margarida Valois e Henrique de Bourbon. Nos capítulos “A noite de 24 de agosto de 1572”, “Os massacrados” e “Os autores do massacre”, Dumas leva o leitor ao imaginário daquele momento por meio de peripécias e lutas. Os personagens La Mole (protestante), Coconnas, La Hurière e Mauravel (católicos) são destacados nesse conflito:

Quando os três chegaram à rua onde ficava o palácio do almirante, viram que o prédio estava cercado de soldados suíços do rei e pelas milícias burguesas. Todos estavam armados com punhais, espadas ou armas de fogo. Pelas ruas vizinhas, realizava-se o terrível espetáculo. Ouviam-se gritos medonhos, a fuzilaria era ininterrupta, e de vez em quando algum infeliz fugitivo passava seminu, aterrorizado, ensanguentado, envolto por um círculo de luzes fúnebres [...](DUMAS, 2008, p 89).

Mais ainda:

O massacre continuou, embora em menor escala a cada dia que passava. A matança de huguenotes fora tão grande que seu número diminuía muito. A maior parte tinha morrido, muitos fugiram, uns tantos estavam escondidos. De tempos em tempos se ouvia uma gritaria; era quando descobriam um huguenote e o infeliz ficava encurralado sem ter para onde fugir. Isso causava grande alegria no bairro onde acontecia [...] (DUMAS, 2008,161).

Percebe-se que a intenção da narrativa não é enfatizar cenas detalhadas de aflição ou de brutalidade assassina, pois Dumas, acima de tudo, priorizou os aspectos romanescos de sua trama, ou seja, relacionamentos amorosos, intrigas palacianas e conspirações. Porém, não deixou de fornecer um cenário propício para que o leitor imaginasse aquele momento de caos, de luta política e religiosa até porque, muitos protestantes e católicos, dentro e fora da cidade de Paris estavam sendo assassinados naquele momento, como vimos nas citações acima.

Assim como na historiografia e na literatura, os eventos da noite de São Bartolomeu foram lembrados também pelo cinema. A produção cinematográfica francesa, de 1995, intitulada *A rainha Margot*, que foi baseada no romance aqui tratado, conseguiu levar para as telas cenas de um verdadeiro holocausto de huguenotes, com protestantes sendo perseguidos e esfolados pelas ruas da cidade, por tropas reais e civis católicos, dentro e fora do palácio do Louvre. Há muitas tomadas detalhadas mostrando centenas de cadáveres sendo jogados no rio Sena e, ao mesmo tempo, empilhados aos montes nas vielas medievais de Paris.

Segundo estimativas de pesquisas, cerca de 30 mil huguenotes foram mortos durante a quarta guerra de religião. Outras fontes sugerem o total de 100 mil mortos. A perseguição à heresia se estendeu por cidades vizinhas levando, conseqüentemente, a conflitos por toda a Europa. Não se tratava apenas de uma guerra contra uma nova doutrina cristã, mas também, de um combate à nova estrutura ideológica, acarretando uma ruptura nas estruturas e mentalidades entre política e religião, em uma grande parte da Europa Ocidental.

A luta entre católicos e protestantes tem consequência para os acontecimentos seguintes da narrativa: as ações da família Valois contra o jovem rei de Navarra e a aliança de Margot com o marido; a conspiração do Duque de Alençon e a morte dos seus cúmplices; a corrida do príncipe duque de Anjou ao trono, com a ajuda da rainha mãe, já que seu irmão, (rei Carlos IX), encontrava-se à beira da morte; a busca da rainha mãe, a todo custo, de desfazer o casamento de Margot e eliminar Henrique de Navarra, visto que seu genro era o terceiro na linha de sucessão ao trono e sua sobrevivência levaria o fim à dinastia Valois.

O autor finaliza sua obra dando um salto de dois anos, após o massacre da noite de São Bartolomeu, e retrata a morte do rei Carlos IX, causada por um envenenamento acidental preparado por sua mãe. Tal envenenamento era, na verdade, destinado a Henrique de Navarra. Com a morte do rei,

ocorre a ascensão do duque de Anjou ao trono francês, mais conhecido como Henrique III (1551-1589), um fato que ocasiona a fuga de Henrique de Navarra e é, celebrado por Catarina de Médici:

-O rei Carlos IX está morto! O rei Carlos IX está morto! O rei Carlos IX está morto!  
Então, Catarina gritou, em resposta:  
-Viva o rei Henrique III! Viva o rei Henrique III!  
Todos repetiam essa saudação, menos o Duque Francisco (Alençon)  
-Eu venci! - exclamou Catarina de Médicis. – Esse maldito bearnês nunca será rei! (DUMAS, 2001, p.345)

De acordo com a historiografia, o reinado de Henrique III também foi conturbado por guerras de religião, seguindo a sina dos seus antecessores. No entanto, o novo rei buscou uma aliança com o partido católico moderado, os *politiques*, e com os huguenotes, para conter a guerra que perdurava pelo país. Porém, em 1589, ele foi assassinado. Henrique de Navarra, sendo o primeiro na sucessão ao trono após a morte de Henrique III, se torna Henrique IV, rei da França, mas, para conquistar esse feito, teve que abjurar de sua fé protestante diante do clero católico. A frase falada por Henrique diante de sua abjuração, "Paris bem vale uma missa", ficou eternizada na história.

Um dos feitos mais memoráveis do reinado de Henrique IV foi a promulgação do Édito de Nantes, em 1598, que dava liberdade de culto às duas religiões e tolerância religiosa no Estado da França, mesmo que não totalmente. A liberdade plena só foi garantida tempos depois, com a determinação da Lei de Liberdade de Consciência, de 1880, e a separação oficial entre a Igreja e o Estado, em 1905 (BANZOLI, 2018, p. 24-25). Henrique IV foi assassinado, em 1610, por um fanático ultracatólico.

À vista da análise do romance, percebe-se o quanto Alexandre Dumas utilizou da História para dar vida a seus personagens, levando o leitor a passear por um momento de bastante tensão em uma das dinastias mais conturbadas da realeza francesa. Seu romance *A Rainha Margot*, além de ser um instrumento de reflexão para o público atual, pode servir tanto como um

interessante objeto de análise sobre a relação entre história e romance, e sobre as transformações sociais, religiosas e políticas do século XVI, quanto como fonte e recurso didático e metodológico em pesquisa docente e, até mesmo, em sala de aula.

### **Considerações finais**

O Romance Histórico surgiu, no final do século XVIII e o início do século XIX, como um instrumento proveniente da resignificação da mentalidade do indivíduo, que passa a nutrir um sentimento de pertencimento e agente dentro da História. Os autores românticos, como Alexandre Dumas, constroem suas narrativas não na intenção de elevar os grandes heróis e suas façanhas, mas de representar as ações cotidianas, as intenções, os poderes e as fraquezas desses últimos de maneira poética, mais próxima dos sentimentos dos leitores, complementando as ausências deixadas pelos documentos oficiais.

Em *A rainha Margot*, Dumas retrata um dos momentos mais agitados da família Valois, quando intrigas e conspirações palacianas entraram em confronto com as guerras de religião entre católicos e protestantes que assolavam o país. A envolvente narrativa de Dumas entrelaça história e ficção, revelando os anseios íntimos de personagens reais e fictícios, e reconstruindo, ao mesmo tempo, momentos conturbados que realmente ocorreram ou foram imaginados pelo autor, dado que o romance inventado por ele escreve o que poderia ter acontecido, enquanto a historiografia da Noite de São Bartolomeu, também abordada por Dumas, problematiza o que, de fato, aconteceu. Em outras palavras, ele leva o leitor a se envolver no universo imagético do passado retratado, trazendo, para o início do século XIX fragmentos da História da França. Sua obra era voltada para um público já inserido na cultura da leitura privada e solitária, e que buscava por aventuras de personagens com os quais poderia estabelecer alguma forma de identificação pessoal.

O Romance Histórico, por unir história com literatura, proporciona uma reflexão das relações internas e externas da obra. Ou seja, podemos analisar de que forma o enredo de *A Rainha Margot* se relaciona com os fatos históricos, assim como podemos pensar as relações e os significados que promoveu com o seu advento e também os impactos que teve na sociedade francesa moderna. Dessa forma, o romance de Dumas é um material que favorece múltiplas leituras de valores sociais, religiosos e políticos da época retratada e possibilita, ao mesmo tempo, a elaboração de indagações e respostas sobre as estruturas políticas e culturais que influenciavam as ações e pensamentos de cada personagem pertencente à Corte.

## BIBLIOGRAFIA

- DUMAS, Alexandre. *A rainha Margot*. Tradução, adaptação Fernando Nuno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ALMEIDA, Rute Salviano. *Uma voz feminina na reforma*. São Paulo: Hanos, 2010. p. 23-46.
- ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BANZOLI, Lucas. *500 Anos de Reforma: Como o Protestantismo Revolucionou o Mundo*. Vol. 1: Liberdade, Tolerância e Democracia. Curitiba: Clube de Autores, 2018. p. 166-232.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 3.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.
- FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura – A fonte fecunda*. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.
- FRIEDA, Leonie. *Catarina de Médici: poder, estratégia, traições e conflitos- A rainha que mudou a França*. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- MENDES, Maria Lúcia Dias. *Amor e encenação em La reine Margot, de Alexandre Dumas*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. A presença de Walter Scott e Jules Michelet no romance histórico de Alexandre Dumas. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, Interações, Ionvergências. São Paulo, USP, 2008.

\_\_\_\_\_. No limiar da história e da memória. Um estudo de Mes mémoires, de Alexandre Dumas. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa. Área de concentração: Língua e Literatura Francesa)- Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

MIRANDA, José Américo. Romance e História. In: BOEACHAT, M. C. B; OLIVEIRA, P. M; OLIVEIRA, S. M. P (Orgs). Romance histórico: Recorrências e transformações. Belo Horizonte. FALE/UFMG, 2000. p. 17-25.

TAPIOCA Neto, Renato Drummond. Rainhas Trágicas: quinze mulheres que moldaram o destino da Europa. Amadora, Portugal: Vogais, 2016. p. 23-44.

ARTIS4N. A revolução e os românticos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FK4o36bRwS8>> Acesso em: 15 de ago. 2021.

ALVIM, Luíza. Os jornais, o romance e o folhetim. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Os%20jornais-%20o%20romance%20e%20o%20folhetim.pdf>>. Acesso em: 3 abril, 2020.

UNIVESP. Literatura Fundamental 30 - O conde de Monte Cristo - Maria Lúcia Dias Mendes. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=fC\\_9Fv6-kb4](https://www.youtube.com/watch?v=fC_9Fv6-kb4)> Acesso em: 15 de ago. 2021.